

A Fotografia Como Ferramenta para abordar a questão da Violência Doméstica por meio do Ensaio Fotográfico Estilhaços¹

Luana MOTA²

Felipe MENICUCCI³

Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG

RESUMO

As pautas e discussões de cunho social sempre estiveram presentes em produtos midiáticos. O agendamento dessas questões leva em conta também os formatos e linguagens próprias dos veículos de comunicação. Podemos citar a produção de textos para um jornal diário ou então, as imagens em movimento da TV e a fotografia. Entendemos que a fotografia é uma linguagem que permite a prática de técnicas e a inserção de elementos artísticos que retratam temáticas de cunho social importante, como a violência contra a mulher. Neste artigo, vamos apresentar como a linguagem fotográfica auxilia na construção de narrativas que serve como forma de questionar e debater a violência contra a mulher na sociedade. O ensaio “Estilhaços” tem o intuito de retratar a violência doméstica sofrida por mulheres em uma série de 6 fotografias.

PALAVRAS-CHAVE: ensaio fotográfico; gênero; mulher; violência doméstica

INTRODUÇÃO

As mulheres são 51% da população brasileira, de acordo com dados do IBGE (2010), e quando se fala sobre os seus direitos, é comum associá-las a uma minoria. A ideia de minoria não é só numérica, nesse caso ela tem a ver com a posição estrutural que as mulheres ocupam na sociedade. Uma situação de desvantagem com relação a outros grupos como o dos homens. Mulheres são submetidas à situação de violência dentro de casa pelo simples fato de serem mulheres. Citar a violência é citar quem violenta. Mônica Fontana (2001) afirma que:

¹ Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XXII Congresso de Ciências na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de junho de 2017.

² Estudante de Graduação do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFV, email: luanaribeirimota@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFV, email: felipe_lm@hotmail.com

O abuso por parte do marido ou companheiro é a forma mais comum de violência contra a mulher e está presente em muitos países do mundo. A agressão pode manifestar-se de formas variadas: maltrato físico (golpes, bofetadas, pontapés etc.); psicológico (menosprezo, intimidações, humilhações constantes); e relação sexual forçada. (FONTANA, 2001, p. 104)

Em sua obra Fontana (2001) também ressalta alguns “valores” reproduzidos pela sociedade, onde “a violência contra mulher encontra “justificativa” em normas sociais baseadas nas relações de gênero, ou seja, em regras que reforçam uma valorização diferenciada para os papéis masculino e feminino”.

Para ilustrar como a temática vem tomando um espaço antes concedido, Ana Lúcia Sabadell (2016), sobre violência doméstica, evidencia que “até algumas décadas atrás, não eram produzidos dados estatísticos sobre a vitimização feminina” conceitos que mostram como os números relacionados à violência eram invisíveis, consequentemente inexistentes. Sabadell (2016) ainda pontua:

Não se sabia quantas mulheres eram anualmente vítimas de violência doméstica ou quantas morriam assassinadas por homens com os quais mantiveram vínculos afetivos. Hoje vários países, ONGs, organismos regionais e internacionais se ocupam da produção de tais dados (...) Assim mesmo, podemos afirmar que existem avanços que convivem com situações de possíveis “retrocessos”. (SABADELL, 2016, p. 170)

Esse debate é comum e constante nos produtos midiáticos. Seja do jornalismo especializado ou de programas diários, voltados para o grande público. Os telejornais, os jornais impressos e programas de rádio tratam da questão da violência contra a mulher – e de outras questões relevantes para o debate social – de acordo com suas próprias linhas editoriais e seguindo critérios de noticiabilidade (TRAQUINA, 2001). Além de entendermos o contexto e as intenções presentes nas construções das notícias sobre o tema que tratamos neste artigo, devemos também nos debruçar na linguagem utilizada pela mídia para falar sobre violência contra a mulher.

O jornalismo impresso, por exemplo, usa de técnicas como a da pirâmide invertida, construção de *lead* e hierarquização de informação (TRAQUINA, 2001). O rádio, por sua vez, constrói um texto que, para o ouvinte, seja sensorial, ou seja, evoque sensações através da voz (BARBEIRO, 2001). A televisão apresenta sequências de imagens em movimento que captam a atenção do telespectador e permitem um fluxo de

informações que alia imagem e texto de forma a criar um único e rico produto (BARBOSA, 2013).

Dentro dessas escolhas de linguagem, escolhemos a fotografia como foco deste artigo. Entendemos que linguagem fotográfica permite escolhas subjetivas e de construção de realidades que são úteis para reforçar o debate sobre a violência contra a mulher. Para a contextualização e elucidação do uso da fotografia como meio de atingir a sociedade acerca da temática, por meio da significação da violência no dia a dia de cada indivíduo, Philippe Dubois (1993) salienta:

(...) A lógica do índice que hoje assinalamos no centro da mensagem fotográfica utiliza plenamente a distinção entre sentido e existência (...) O referente é colocado pela foto como uma realidade empírica, mas "branca", se for possível se expressar assim: sua significação continua enigmática para nós, a não ser que sejamos participantes da situação de enunciação de onde a imagem provém. (DUBOIS 1993, p. 52)

Seguindo essa lógica, podemos analisar que a fotografia, mesmo sendo um traço de uma realidade, se mostra verossímil e possível de ser entendida pelo público porque contém elementos e temas que estão presentes na sociedade.

RELEVÂNCIA SOCIAL POR MEIO DA FOTOGRAFIA

A produção de fotografias com intenções informativas leva em conta questões técnicas e escolhas subjetivas do fotógrafo. São as chamadas escolhas de ordem material e imaterial (KOSSOY, 2003). As escolhas de ordem imaterial são aquelas motivadas por filtros individuais, vivências e experiências do fotógrafo e/ou assuntos definidos em uma pauta jornalística de cobertura. A partir dessas escolhas – e reforçando o conceito abordado anteriormente de que a fotografia é *um traço de uma realidade* – vemos a imagem como resultado de uma série de ações técnicas e teóricas que levam ao produto final.

Diante disso, apresentamos o ensaio fotográfico “Estilhaços” com a tentativa de aproximar a realidade das mulheres agredidas à população no geral e somar forças para que a luta contra a violência contra as mulheres seja uma luta de todos. Utilizamos a linguagem fotográfica para retratar o assunto porque entendemos a liberdade artística e criativa que a imagem permite. A informação jornalística está presente na construção – e

na contemplação – das imagens. Mas, para além dos fundamentos jornalísticos, inserimos também construções ficcionais que ajudam a recriar cenas infelizmente comuns em muitos lares brasileiros.

Ademais, o trabalho em questão tem como finalidade essencial alertar toda a população sobre a violência sofrida pela mulher principalmente dentro da própria casa. Fazer com que o tema alcance o maior número de pessoas possíveis, mesmo que de maneira chocante, é uma forma de sinalizar que medidas urgentes precisam ser implantadas na tentativa de erradicar o problema.

A escolha da fotografia como ferramenta de inquietação social, é uma maneira de mostrar por meios de registros ficcionais a realidade enfrentada por milhares de mulheres todos os dias.

Ao retratar a temática por meio das ilustrações, Vilem Flusser (1985) afirma que “o caráter mágico das imagens é essencial para a compreensão de suas mensagens. Imagens são códigos que traduzem eventos em situações, processos em cenas”. Em suma, compreender a violência pela perspectiva das fotografias, é aproximar a sociedade não somente por recursos escritos, mas também por meios audiovisuais.

DUBOIS (1993) sucinta que “foto é percebida como uma espécie de prova, ao mesmo tempo necessária e suficiente, que atesta indubitavelmente a existência daquilo que mostra”.

Em outra ótica, sobre o poder de dominação masculino para com a mulher, retratado por meio da fotografia, Heise (1994) caracteriza a violência como:

Um fenômeno extremamente complexo, com raízes profundas nas relações de poder baseadas no gênero, na sexualidade, na autoidentidade e nas instituições sociais (...) em muitas sociedades, o direito (masculino) a dominar a mulher é considerado a essência da masculinidade. (HEISE, 1994, p. 47-48)

Ao retratarmos o homem enquanto principal agressor, evidenciamos a questão de supremacia de gênero presente dentro do contexto de violência. Como objetivo principal, o ensaio quer mostrar que a realidade das agressões acontece dentro de casa.

CARACTERIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA

Falar sobre os vários tipos de violência enfrentados pelas mulheres ao longo da história é primordial, uma vez que o termo está quase que majoritariamente relacionado a agressões físicas. Para Renata Gomes da Costa e Clara Maria Holanda Silveira (2012) “a mulher é, primeiramente, discriminada por ser mulher, como se essa condição a tornasse incapaz, incompleta ou falha”.

Para clarear o conceito de violência, por meio de um posicionamento oficial, a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (ONU, 1979) realizada no dia 18 daquele ano, implica violência em “qualquer ato de violência baseado em sexo (gênero), que ocasione algum prejuízo ou sofrimento físico, sexual ou psicológico às mulheres, incluídas as ameaças de tais atos, coerção ou privação arbitrárias de liberdade que ocorram na vida pública ou privada”.

O Núcleo de Estudos da Violência Contra Mulher (NEVICOM) ao analisar o livro de Maria Amélia de Almeida Tales e Mônica de Melo, *O Que é Violência Contra a Mulher* (2002) levanta pontos essenciais para entendermos o fenômeno citado: “De um modo geral, a violência de gênero é praticada pelo homem para dominar a mulher, e não eliminá-la fisicamente”. Ainda sobre a obra de Maria Amélia e Mônica (2002), é importante conceituar também outro ponto pra a compreensão do objeto apresentado e a relação de gênero existente: “A intenção masculina é possuí-la, é tê-la como sua propriedade, determinar o que ela deve desejar, pensar, vestir. Ele quer tê-la sob seu controle e ela deve desejar somente a ele próprio”.

Assim, para uma maior compreensão de alguns aspectos, torna-se necessário salientar algumas das principais subdivisões de suma importância para compreendermos a violência doméstica⁴ e como ela se caracteriza – Violência de Gênero – Consiste em agredir uma mulher, psicológica e fisicamente apenas pelo fato de ser do gênero feminino. Uma relação de poder e dominação instituída pelo sexo masculino. Violência Doméstica – São as agressões existentes no lar. Pode-se considerar violência as agressões físicas, morais, sexuais e verbais. Violência Física – Todo e qualquer ato onde um agressor tem contato com a vítima. Acontece por meio de chutes, socos e demais

⁴ Disponível em: <http://nevicompg.blogspot.com.br/2012/06/livro-o-que-e-violencia-contramulher.html>

golpes a fim de causar danos. Violência Sexual – Ocorre quando há a tentativa ou a execução de atos sexuais sem o consentimento da vítima. Por fim, Violência Psicológica – Compreende em torturar, humilhar e coagir por meio de palavras, causando inúmeros danos à autoestima e ao desenvolvimento pessoal da vítima.

Em síntese, Magalhães (2005) pontua a importância da comoção bem como a participação da sociedade no enfrentamento contra a violência “mulheres agredidas precisam da solidariedade das outras mulheres e de todos que não concordam com a violência”. Mesmo que um pouco mais presentes no mundo contemporâneo, abordar a temática sobre machismo e violência contra a mulher, serão sempre de grande relevância. Desta forma, as fotografias visam chamar a atenção e incomodar, para que a causa ganhe mais força.

Para elucidar a proporção da Violência e o papel da sociedade em se posicionar apenas contra o agressor, sem maneiras de culpar a vítima, Ana Cláudia Cifali (2015) diz que:

Sabe-se que violência contra a mulher é um problema social de enormes e graves proporções no Brasil e no mundo, constituindo-se em uma das principais formas de violação de direitos humanos. A tolerância em relação aos casos de violência contra a mulher manifesta-se através de diversas formas, porém, uma prepondera no Brasil: a culpabilização das vítimas como justificativa da violência. (CIFALI, 2015, p.142).

Desde o ano de 2006 em que a Lei Maria da Penha⁵ foi criada, este meio de punição para os agressores se tornou a melhor maneira de proteger as vítimas. Patrícia Carvalho (2015) refuta que:

É uma lei, portanto, elaborada com o objetivo de combater o fenômeno social da violência doméstica e familiar contra a mulher, mediante o estabelecimento de um conjunto de ações de natureza criminal e principalmente de natureza extrapenal. (CARVALHO, 2015, p.31)

É de fato a política pública mais eficaz no que diz respeito à proteção de mulheres em situação de violência.

⁵ Lei Maria da Penha é o nome dado a uma legislação brasileira que garante a proteção das mulheres contra qualquer tipo de violência doméstica, seja física, psicológica, patrimonial ou moral. Disponível em: <https://www.significados.com.br/maria-da-penha/>

A LINGUAGEM FOTOGRÁFICA EM “ESTILHAÇOS”

O tema Violência contra mulher vem tomando cada vez mais espaço na sociedade e em discussões diárias. São essas algumas ações catalizadoras nos processos de mudança de tal quadro, por meio de conscientização das vítimas, que resultam uma significativa desnaturalização da violência, bem como leis que asseguram a proteção de mulheres em situação de violência.

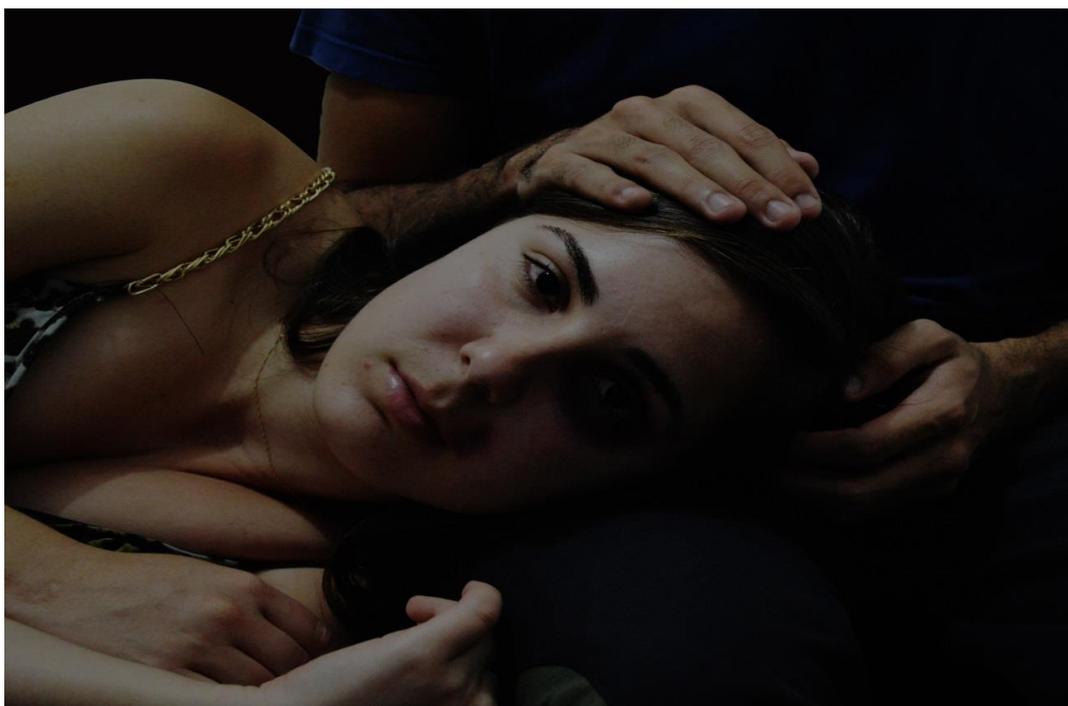
O ensaio “Estilhaços” tem o intuito de relatar a violência doméstica e sexual sofrida por mulheres, mostrando tal realidade associando os casos de violência à figura do companheiro enquanto principal agressor. Como forma de justificar o uso da fotografia ficcional como método de representação da violência sofrida por mulheres, André Rouillé (2009) afirma que “a fotografia-documento refere-se inteiramente a alguma coisa palpável, material, preexistente, a uma realidade desconhecida, em que se fixa com a finalidade de registrar as pistas e reproduzir fielmente a aparência”. O ensaio se divide em fotografias. Cada uma delas conta, por si só, uma narrativa. E serão apresentadas a seguir: *É Proibido Falar* – Em um primeiro plano o companheiro está fazendo o sinal de silenciar a mulher enquanto ela, em um segundo plano, está sentada no chão, acuada, em situação de vulnerabilidade.



As Sombras – Com o recurso da silhueta é possível enxergar, por meio de sombras o ato nítido de violência física, o qual o companheiro enforca a companheira.



Colo – A mulher está deitada no colo do companheiro enquanto ele acaricia seu cabelo. Pela expressão nota-se a tristeza e o sentimento de impunidade pelas agressões sofridas.



Durma em Paz – Foto para retratar como parceiros também abusam sexualmente de mulheres e como o relacionamento mascara esse crime.



Fique – A mulher tenta sair do agressor enquanto ele a segura pelo braço. O rosto machucado evidencia a agressão recente, além da tentativa de fuga do homem como elemento da foto.



Silêncio – A mulher está com as duas mãos em sua boca, como um ato de estar silenciada, fato que visa à reflexão sobre a temática de violência e os diversos fatores que impedem que a mulher denuncie.



Considerações Finais

O tema Violência contra mulher, por sua relevância social, deveria ser abordado de inúmeras maneiras possíveis para que não fosse um crime tão naturalizado. Entendemos por violência psicológica, sexual, doméstica e não somente a física. São inúmeras maneiras de agredir uma mulher, que apenas variam de intensidade, mas continuam sendo agressões, crimes, e a mobilização para que sejam sanadas é de importância imediata. Mulheres morrem todos os dias vítimas de seus companheiros.

Quando falamos sobre feminicídio⁶, os índices desta última década apontam que mais de 43,7 mil mulheres foram assassinadas em todo o Brasil, atingindo uma média

⁶ Feminicídio significa a perseguição e morte intencional de pessoas do sexo feminino, classificado como um crime hediondo no Brasil. O feminicídio se configura quando é comprovada as causas do assassinato, devendo este ser exclusivamente por questões de gênero, ou seja, quando uma mulher é morta simplesmente por ser mulher. Disponível em: <https://www.significados.com.br/feminicidio/>

de 12 homicídios por dia. Se falarmos de violência sexual, há uma estimativa também apontada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) que a cada ano no Brasil 0,26% das mulheres sofre violência sexual, o que indica que haja anualmente 527 mil tentativas ou casos de estupro consumados no país, dos quais 10% são reportados à polícia.

Aliado a meios legais, a população em geral tem papel fundamental na denúncia por meio do Disk Denúncia 180 (Secretaria de Políticas para Mulheres) além do apoio incondicional a vítima. Desconstruir padrões machistas é extremamente necessário para que a violência seja sanada.

Assédio nas ruas, padrões estéticos e estereotipados. Lugar de fala silenciado. Agressões no trabalho, no âmbito familiar. Estupro. A violência acontece quase que o tempo todo, porém está enraizada em nossa sociedade de forma a parecer natural. Somos maioria da população, maioria do eleitorado e mesmo assim, tratadas como uma minoria sem voz.

Por meio da fotografia ficcional e seus elementos que ilustram de maneira bem próxima a realidade, o jornalismo atua com o papel fundamental de alertar a toda a população a importância da temática no âmbito social atual. A escolha pela narrativa fotográfica se faz necessária à medida que torna a violência “palpável”. É o fator inicial para que o desconforto surja. Age, também, como um dispositivo de provas (mesmo que por meio de encenação), para a retratação e comprovação dos quadros de violência sofridos pelas mulheres, já que demonstra a realidade.

Ainda sobre o método fotográfico como forma principal de elucidar o crime em questão e apontar a necessidade de políticas públicas, é de suma importância entender a facilidade de compreensão nos relatos por meio de fotografias, uma linguagem visual (que exprime um discurso de cunho social de extrema relevância) com a capacidade de atingir um número muito maior de pessoas, já que as fotos, por si só ou em conjunto, relatam uma ideia completa e real.

Há muito que se debater, se intervir, se conscientizar e o principal: Nós, mulheres, nos ajudarmos. Em briga de marido e mulher, quando houver violência doméstica e sexual vamos enfiar a colher sim. Quantas vezes forem necessárias. Mulheres é hora de nos unirmos. Vamos juntas, vamos fazer revolução!

Referências Bibliográficas

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de Radiojornalismo: Produção, Ética e Internet**. Rio de Janeiro, Editora Campus, 2001.

BARBOSA, Marialva. **História da comunicação no Brasil**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CARVALHO, Patrícia Cunha Paz Barreto de. **Lei Maria da Penha como instrumento de contenção da violência doméstica e familiar contra a mulher**. Revista da EJUSE, Aracaju, n. 23, p. 31-42, 2015.

CIFALI, Ana Claudia. **Marco normativo e políticas públicas de enfrentamento à violência contra a mulher: os desafios na efetivação dos direitos**. Sistema Penal & Violência, v. 7, n. 2, p. 137-147, jul./dez. 2015.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. Campinas: Papirus, 1994.

FLUSSER, Villen. **Filosofia da caixa preta**. São Paulo: Relume Dumará, 2002.

FONTANA, Mônica et al. Violência contra a mulher. In: **Saúde da mulher e direitos reprodutivos: dossiês**. RedeSaúde, 2001. p. 101-128.

HEISE, L., 1994. *Violence Against Women: The Hidden Health Burden*. Relatório Preparado para o Banco Mundial. (Mimeo.) (Manuscrito publicado sob o mesmo título, na série *World Bank Discussion Papers 255*, Washington, D.C.: *World Bank*, 1994).

KOSSOY, Bóris. **Fotografia e história**. Cotia/SP : Ateliê Editorial, 2003.

MAGALHÃES, Belmira. **As marcas do corpo contando a história: um estudo sobre a violência doméstica**. Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2005.

PEREIRA, Malila Natascha da Costa; PEREIRA, Maria Zuleide da Costa. **A Violência Doméstica Contra A Mulher**. v.4, n.1, pp.22-34, Março a Setembro de 2011. Disponível em <http://periodicos.ufpb.br/>. Acesso em 16/04/2017.

RÉGIS, Mário Luiz Delgado. **A violência patrimonial contra a mulher nos litígios de família**. Revista Nacional de Direito de Família e Sucessões, v. 2, n. 9, p. 5-23, nov./dez. 2015.

ROUILLÉ, André. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

SABADELL, Ana Lucia. **Violência contra a mulher e o processo de juridificação do feminicídio: reações patriarcais no direito brasileiro**. Revista da EMERJ, v. 19, n. 72, p.

168-190, jan./mar. 2016.

SILVEIRA, Clara Maria Holanda; COSTA, Renata Gomes. **Patriarcado e Capitalismo**: Binômio Dominação – Exploração Nas Relações de Gênero. In: IV Seminário Nacional Trabalho e Gênero. 2012, Goiás. Anais do IV Seminário Nacional Trabalho e Gênero, 2012. V4.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**, volume 1: porque as notícias são como são, Florianópolis, SC: Insular, 2004.